



# **UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**



**UFSC NA MÍDIA - CLIPPING  
17 de julho de 2012**

## **Diário Catarinense**

**Carlos Damião**

“Olhares ”

Colonização Açoriana / Núcleo de Estudos Açorianos (NEA) da UFSC

### ***Olhares***

Vale a pena visitar, até 31 de agosto, a mostra Cinco Olhares Sobre a Colonização Açoriana, no Espaço Cultural do NEA (Núcleo de Estudos Açorianos da Universidade Federal de Santa Catarina). São obras de Elias Andrade (Índio), Hassis, Plínio Verani, Soli e Neri Andrade, que expressam a beleza do legado açoriano em Santa Catarina.

## Diário Catarinense

### Geral

“Proposta do governo é reprovada”

Professores em greve / Sindicato Nacional dos Docentes em Instituições de Ensino Superior/ Reestruturação de carreira

ENSINO SUPERIOR

## Proposta do governo é reprovada

Brasília

O Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior (Andes) divulgou ontem um comunicado em que reprovava a proposta do governo federal de reajuste para os professores de universidades e institutos federais.

A categoria está em greve há quase dois meses. Em Santa Catarina a greve começou na última quarta-feira. No momento, a Universidade Federal (UFSC) e o Instituto Federal (IFSC) estão em período de férias, e se resolverem voltar às atividades será no dia 6 de agosto.

Cada instituto e universidade deverá fazer assembleia nos próximos dias para decidir se aceita a proposta. Os resultados deverão ser repassados para a Andes, que voltará a se reunir com representantes do governo federal na segunda-feira.

A proposta do governo prevê reajuste salarial entre 12% e 40% aos docentes em três anos. Somado a aumento já concedido em março, o reajuste máximo chega a 45%. O sindicato, porém, afirma que os cálculos do governo foram feitos sobre um valor já defasado e que desconsidera a inflação do período.

A Andes afirma ainda que o maior percentual proposto atingiria uma porção muito pequena de professores. Os maiores reajustes serão concedidos a docentes com maior titulação. Doutores, por exemplo, terão de 30% a 40%. Já os professores com título de mestre, de 25% a 27%. Já quanto a reestruturação da carreira, que corresponde a uma das principais reivindicações dos docentes, a Andes afirma que a evolução de etapas proposta pelo governo não segue um padrão e que em alguns casos resulta em reajustes muito pequenos, enquanto em outros leva a reajustes maiores.

Pela proposta, serão reduzidas as etapas para se atingir o topo da carreira dos atuais 17 degraus para 13.

## Notícias do Dia

### Brasil

“Sindicato rejeita proposta do MEC”

Professores em greve / Sindicato Nacional dos Docentes em Instituições de Ensino Superior/ Reestruturação de carreira

#### PROFESSORES EM GREVE

## Sindicato rejeita proposta do MEC

**BRASÍLIA** — A Andes (Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior) reprovou a proposta do governo federal de reajuste para os professores de universidades e institutos federais. A categoria está em greve há quase dois meses.

Cada instituto e universidade deverá fazer assembleia para analisar a proposta. Os resultados deverão ser repassados para a Andes, que voltará a se reunir com representantes do governo segunda-feira.

A proposta do governo prevê reajuste salarial entre 12% e 40% aos docentes em três anos. Somado a aumento já concedido em março, o reajuste máximo chega a 45%. O sindicato, porém, afirma que os cálculos do governo foram feitos sobre um valor já defasado e que desconsidera a inflação do período.

A Andes afirma ainda que o maior percentual proposto atingiria uma porção muito pequena de professores. Os maiores reajustes serão concedidos a docentes com maior titulação. Doutores, por exemplo, terão de 30% a 40%. Já os professores com título de mestre, de 25% a 27%.

Já quanto a reestruturação da carreira, que corresponde a uma das principais reivindicações dos docentes, a Andes afirma que a evolução de etapas proposta pelo governo não segue um padrão e que em alguns casos resulta em reajustes muito pequenos, enquanto em outros leva a reajustes maiores. Pela proposta, serão reduzidas as etapas para se atingir o topo da carreira dos atuais 17 degraus para 13.

De acordo com a categoria, 57 das 59 universidades federais aderiram à greve, além de 34 dos 38 institutos.



#### CARREIRA

Para Andes, reestruturação e reajustes não atendem às necessidades da maioria

## Diário Catarinense

Moacir Pereira

“Servidores Federais fazem greve em SC / Ampliação”  
Greve no serviço público/ Eletrosul/ reajuste salarial

### Servidores federais fazem greve em SC

Três fatos inéditos marcam a greve decretada pelos empregados da Eletrosul, a maior empresa federal do Estado. A destacar: 1. A assembleia geral que aprovou a suspensão das atividades teve, pela primeira vez, a participação dos sindicatos de diferentes categorias. A decisão coletiva superou as divergências ideológicas. 2. Os empregados da Eletrosul pararam por tempo indeterminado, depois de 22 anos. Durante este período, apenas paralisações curtas e específicas. 3. O presidente da Eletrosul, Eurides Mescolotto, que fez carreira como líder sindical e dirigente do PT, viajou para Londres, de férias, no dia em que a greve começou. Só retornará no fim do mês, segundo a assessoria.

A ausência do presidente da Eletrosul mereceu críticas e comentários irônicos dos líderes sindicais. Foi substituído pelo diretor Administrativo, Antônio Vituri. Sustentam que Mescolotto tem canais na Eletrobrás, no Ministério de Minas e Energia e até no Palácio do Planalto. Nesta condição, poderia colaborar para agilização nas negociações com o governo Dilma Rousseff. Negociações que foram encerradas no dia 11 de julho pelo governo, causando a greve no sistema Eletrobrás.

Na origem da paralisação estão duas questões: a econômica e a política. Os empregados reivindicam reajuste salarial com base no IPC, mais ganho real de 1,5%. O sistema Eletrobrás ofereceu apenas o IPC, de 5,1%. Segundo a Intersindical, mais de 90% dos empregados estão em greve na Eletrosul.

#### AMPLIAÇÃO

A bandeira política está ligada ao risco de privatizações no setor. Dentro de três anos encerram-se os contratos de concessão do sistema elétrico, o que inclui geração e distribuição. O governo já decidiu que vai renovar as concessões através de leilões. Como há exigência de redução das tarifas de, no mínimo, 10%, criam-se novas condições de compra das concessões pela iniciativa privada.

Florianópolis e outras cidades estão vivendo cenários que há muito tempo não se registravam, com várias categorias de servidores fazendo paralisações.

Estão em greve os professores da Universidade Federal de Santa Catarina e das instituições federais de ensino. Reivindicam reajuste salarial, alegando arrocho que vigora há anos. A mobilização se agigantou no país, apesar das férias. O governo fez proposta, recusada pelos docentes.

O Museu Victor Meirelles está fechado. Os servidores colocaram cartazes na porta principal: a Cultura está em greve. Os funcionários do Ministério da Saúde pararam atividades em Santa Catarina. Faixas acusam o governo de oferecer esmolas e pedem dignidade salarial. O mesmo ocorre em relação aos barnabés da previdência social. Finalmente, na Procuradoria da Fazenda Nacional anúncio de paralisação dos servidores.

Curioso é que o povo, maior prejudicado, parece que não está nem aí para estas paralisações.

## A Notícia

### País

“Universitários leem, mas não interpretam”

Ensino Superior / Indicador de Alfabetismo Funcional (Inaf) / Qualidade de ensino



## Diário Catarinense

### Diário do Leitor

“Antagonismo”

Projeto de arquitetura da UFSC / Sérgio da Costa Ramos / Mauro Passos / Almiro Caldeira / Em busca de Terra Firme



**Diário Catarinense**  
**Geral**

“Acessos difíceis para a travessia”

Ponte Hercílio Luz / mobilidade urbana / quarta travessia / Lenise Grando Goldner / Engenharia de Tráfego / Deinfra/ BNDES

# HERCÍLIO LUZ

## Acessos difíceis para a travessia

Enquanto o governo tenta garantir recursos do BNDES, especialistas dizem que as vias de ligação estão ultrapassadas

ROBERTA KREMER

Após o governador Raimundo Colombo anunciar que a Ponte Hercílio Luz deverá receber tráfego de carros quando restaurada, o novo dilema a ser resolvido são os acessos à travessia.

Para especialistas, a capacidade das vias de entrada da ligação estaria ultrapassada para atender o atual fluxo de veículos de Florianópolis.

Na semana passada, Colombo declarou que utilizará parte dos R\$ 3 bilhões de recursos financiados com o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) para concluir a restauração da Hercílio Luz.

Segundo o levantamento do Estado, a antiga travessia poderia receber 20% do número de carros das pontes Pedro Ivo e Colombo Salles, onde passam 175 mil veículos por dia. Conforme o Departamento de Infraestrutura (Deinfra), à princípio, serão R\$ 146 milhões de crédito. A expecta-

LENISE GRANDO GOLDNER  
Engenheira da UFSC

“  
*A ponte seria melhor utilizada para o uso de pedestres ou para tráfego de bicicletas e até motocicletas ou eventual passagem de carros.*

tiva é terminar a ponte em 18 meses.

Para a professora de Engenharia de Tráfego da Universidade Federal de Santa Catarina, Lenise Grando Goldner, os acessos à ponte não são adequados para o tráfego atual.

– Teriam que reformular as vias de entrada da Hercílio Luz. A pior situação é no lado da Ilha. As ruas entre elas são estreitas e em via de mão única. A ponte seria melhor utilizada para pedestre, tráfego de bicicletas e até motocicletas ou eventual passagem de carros – diz a engenheira.

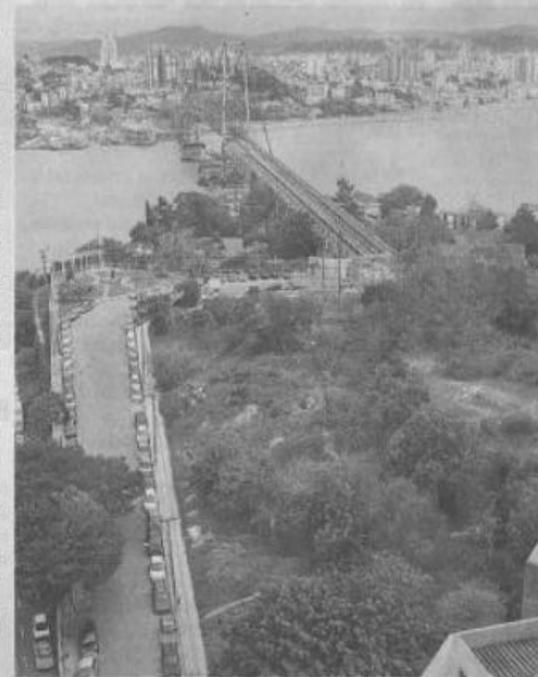
De acordo com o presidente do Deinfra, Paulo Meller, a ponte foi pro-

jetada para receber cargas pesadas, como trens, metrô e carros. Ele afirma que o estudo para tráfego de carros está em elaboração e deve ficar pronto até agosto do próximo ano.

Uma das ideias é abrir as duas faixas no sentido Continente-Ilha nos horários de pico de manhã e à tarde. Outro estudo prevê o uso da travessia para ônibus, táxis, ambulâncias e carros de bombeiros. O prefeito de Florianópolis, Dário Berger, defende a utilização da ponte para carros, mas de forma paliativa. Para ele, só a quarta ligação resolveria o problema de congestionamento.

O governo segue com o projeto da quarta travessia. Na quarta-feira da próxima semana termina o prazo para as empresas apresentarem propostas de obras para a nova ligação por meio do procedimento de manifestação de interesse. O PMI é uma forma de o Estado obter junto ao setor privado os estudos necessários, que serão pagos pelo vencedor da concorrência pública.

roberta.kremer@diario.com.br



As antigas vias que ligavam à ponte precisariam ser revitalizadas



Rastros do  
**Povo Pescado no Igarapé**  
Um antropólogo catarinense no Alto Solimões

Raquel Wandelli

**Q**uando, em julho de 1962, o jovem historiador Sílvio Coelho dos Santos viajou para o território Ticuna (ou Tókuna), em uma expedição arriscada, pelo alto do Rio Solimões, tinha o desafio de agregar experiência prática à sua formação teórica como antropólogo.

Ao chegar ao município de Benjamim Constant, ao lado da colega Cecília Maria Helm e do etnólogo Roberto Cardoso de Oliveira, que o orientava na pesquisa, encontrou um povo massacrado pelo avanço violento dos seringueiros e madeireiros sobre suas terras, após o *boom* ocorrido com a exploração da borracha. Desfigurados pelo álcool e pela miséria, os

Ticuna lutavam para perpetuar a prática de suas tradições.

Mas o pesquisador também encontrou um grupo de riqueza cultural fascinante, que organiza todos os seres vivos, inclusive os humanos, em duas grandes linhagens, a das aves e a das plantas, e cujas máscaras, desenhos e pinturas ganhavam, por sua força e originalidade, fama internacional.

Muito além da prestação de contas de um trabalho acadêmico exploratório, a coleção de objetos etnográficos e os registros de campo, inéditos, deixados pelo antropólogo, representam a retribuição emocionada de um jovem de 24 anos ao povo pacífico, mas não passivo, que o acolheu por três meses e o fez selar o pacto de toda uma vida em defesa dos povos indígenas brasileiros.

Desde a vivência com os Ticuna até ao dia de sua morte, motivada por câncer, em outubro de 2008, Sílvio Coelho dos Santos dedicaria sua inteligência e energia física à compreensão do "modo de ser índio". No dia 09 de maio (2012), às 19 horas, no campus da UFSC em Florianópolis, o Museu de



Mascara Ticuna.  
Arquivo do Museu de Arqueologia e Etnologia Professor Oswaldo Rodrigues Cabral (MARquE)

*Sobre a viagem, posso registrar que está completa. Vivo cenas que sonhei quando garoto e que nunca imaginei viver.*

Diário de Campo de Sílvio Coelho dos Santos.

Arqueologia e Etnologia Professor Oswaldo Rodrigues Cabral (MARquE) apresentou ao público, pela primeira vez, a coleção com 53 objetos recolhidos entre os Ticuna e os registros de campo, compostos por 135 diapositivos (slides) e dois Diários produzidos pelo antropólogo catarinense no coração da selva amazônica. Desde que retornou da expedição, no final dos anos 60, esse legado esteve depositado na Reserva Técnica da antiga sede do Museu Universitário, do qual o Professor Sílvio foi um dos fundadores, aguardando as condições de climatização e conservação que um acervo dessa natureza e importância exige para ser exposto.

Isso só se tornou possível agora, quando, no dia 24 de abril último, foi inaugurado, pela Secretaria de Cultura e Arte da UFSC, o grande "Pavilhão Expositivo" – que recebeu o nome do ilustre antropólogo Sílvio Coelho dos Santos.

Sílvio Coelho dos Santos.  
Espetáculo UFSC



*Nada, narração alguma poderia dar ideia a alguém sobre o que é um igarapé, a bacia amazônica.*

*As praias formadas, as curvas, os furros, os pequenos igarapés afluentes, as árvores caídas formam um conjunto indescritível.*

Diário de Campo de Sílvio Coelho dos Santos.



Subindo de barco os igarapés e visitando comunidades, Sílvio Coelho recolheu objetos representativos da cultura Ticuna com a preocupação de salvá-los da desapareição e esquecimento futuros, em uma mostra do vínculo afetivo e político que o ligou ao "povo pescado com vara".

A cosmogonia Ticuna acredita que essa gente foi "pescada com vara" por um herói mítico (Yo'í) nas águas vermelhas do igarapé *Eware*, segundo conta a chefe da Divisão de Museologia do MARquE, Cristina Castellano, que coordena a exposição ao lado da museóloga Viviane Wermelinger e da restauradora Vanilde Ghizoni.

Depois de "nascer do rio", esse povo passou a habitar as cercanias da montanha *Taiwegine*, onde morava o herói, um local preservado, até hoje, como testemunho sagrado da gênese desses índios que enfeitiçaram o antropólogo catarinense pelo coração e pela mente.

## A Exposição

Na exposição "Ticuna em dois tempos" – que traz à tona essa história de amor ao conhecimento e homenagem à mais numerosa nação indígena da Amazônia brasileira e também do país – cruzam-se dois olhares, de duas épocas distintas, em duas coleções produzidas com critérios e objetivos diferentes, sobre a mesma etnia.

De um lado, há o olhar do historiador e antropólogo catarinense, representado no material coletado durante a sua participação no Curso de Especialização em Antropologia no Museu Nacional, da antiga Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, na

década de 1960. Integram o conjunto de Sílvio Coelho adornos pessoais, cerâmicas, cestos e utensílios domésticos, bonecas esculpidas em madeira, estatuetas, em madeira, de macaco prego, esculturas antropozoomorfas, mantas, remos, indumentárias completas, brinquedos infantis, um tambor e, principalmente, bastões cerimoniais, máscaras e outros objetos ritualísticos utilizados na "Festa da Moça Nova", além de *slides* de figuras humanas e paisagens.

De outro lado, está o olhar estético do artista plástico Jair Jacmont, que formou sua coleção na década de 1970, adquirindo os objetos dos

próprios índios, na cidade de Manaus. São mais 135 peças, entre esculturas antropomorfas e bastões de ritmo, usados para danças e rituais, além de uma considerável quantidade de máscaras esculpidas em madeira. Sob a guarda do Museu Amazônico da Universidade Federal da Amazônia desde 1994, essa coleção veio para Florianópolis como parte de uma parceria com a Rede de Museus do Instituto Brasil Plural – IBP.

Teresa Fossari, diretora do MARquE, explica que a exposição conjunta é um projeto alimentado há longa data pelas duas instituições de extremos opostos do Brasil, com o objetivo de promover o diálogo entre esses dois reveladores olhares para a mesma cultura.



Máscara Ticuna.  
Arquivo IBP - Foto: João Paulo Dias

## Sonho e tragédia dos índios da amazônia: relatos do *Diário de Campo* de Sílvio Coelho

Geralmente à noite, dentro do mosquiteiro para escapar dos carapanãs, o antropólogo Sílvio Coelho dos Santos escrevia no seu *Diário de campo* todos os detalhes da missão amazônica, com uma seriedade científica que não encobria o sentimento de idealismo e justiça social do estudante.

Ao chegar ao posto Ticuna, no dia 05 de julho, antes de testemunhar as condições de privação e violência em que viviam esses índios, Sílvio revelou sua emoção e o temor de não ser capaz de realizar a missão que lhe fora delegada.

Desde a chegada ao Posto indígena, Sílvio fez anotações em seu *Diário*: “Às 16,30 horas chegávamos a Mariuacu, sede do Posto Tukúnas, onde fomos recebido pelo encarregado, Sr. Bernardino. O prazer de ver os índios foi

Mulher tukuna de Mariuacu, tecendo rede. Foto: Sílvio Coelho dos Santos. Junho de 1967



*total e, por um momento, pensei ter realizado meus sonhos".*

Assim o, pesquisador começa a narrar a expedição, realizada durante o Curso de especialização em Antropologia, ao lado da colega paranaense, Cecília Vieira Helm, e do coordenador do Curso, Roberto Oliveira, que lhe encomendara a pesquisa (Este renomado etnólogo faleceu em 2006, dois anos antes do orientando Sílvio Coelho). Segue-se, a partir daí, um envolvente e envolvido relato de um narrador empenhado em deixar um registro bastante completo sobre as práticas culturais e religiosas, mitologia, sonhos, doenças, tristezas, educação indígena pelos brancos, luta pela sobrevivência da nação Ticuna.

Com um total aproximado de 200 páginas escritas na grafia da época, o relatório apresenta-se na forma manuscrita e datilografada pelo próprio autor, e já é projeto de publicação da Editora da UFSC.

Cópia do material só chegou à direção do Museu há cerca de oito meses, pelas mãos da esposa do antropólogo, Alair Santos. Embora inédito, o *Diário* foi objeto de análise da mestra em Ciências da Língua



Escultura Ticuna.  
UFSC, 1990



Casas Tikuna do Posto Indígena Ticuna.  
Foto: Sílvio Coelho dos Santos. Junho de 1962

gem, Cristina Castellano, que escreveu sua dissertação a respeito da coleção Ticuna, contando, para tal, com a orientação do antropólogo Aldo Litaiff, aluno e parceiro de pesquisa de Sílvio no atual MARquE.

Ao final do segundo *Diário*, o antropólogo transcreve entrevista com o major Pereira de Melo, que atuou no subcomando do grupo da fronteira de Manaus, na expedição "Javari", em 1960. Sílvio Coelho interroga-o com o objetivo de esclarecer qual era a população metralhada pelo exército na operação que "limpou" a área dos "bandoleiros", como o major chamava os "apátridas com base no Peru" que, segundo ele, estariam usando os índios em seus ataques às tropas e aos moradores.

Uma observação corajosa do pesquisador na última página revela a saga dos índios amazônicos naqueles tempos de ditadura militar, extermínio dos povos nativos, extração desenfreada da madeira e política desenvolvimentista:

De acordo com Sílvio: "*Pelo modo de narrar os fatos, parece que nosso informante estava consciente*

*de que os residentes nesse acampamento e vítimas dos ataques do exército eram os índios. Falou-nos de que só uma lata de conserva, usada como panela, e calções que alguns habitantes usavam, denunciavam a presença de civilização. Todo o acampamento era de estilo típico indígena. Uma sepultura recente foi aberta e o morto estava nu, sobre uma rede indígena”.*

Coelho denunciava assim os problemas dos índios com as autoridades brancas, que procuravam sem-

pre culpar as brigas entre “tribos” pelo seu extermínio.

Ao mesmo tempo mostrava a complexidade e poética da sua cultura, enfatizando a forma de organização social e política desse povo de castas patrilineares, que só admite o casamento entre membros de linhagens diferentes (designadas por nomes de aves e de plantas). Todavia, só eles são capazes de interpretar os sinais que indicam o pertencimento a uma ou outra casta.

## O Ritual da Adolescência

Como outros exploradores que o sucederam, Sílvio Coelho sofreu o magnetismo pela “Festa da Moça Nova”, o *worecu*, ritual de iniciação feminina que dura três dias. Grande parte dos objetos coletados pertencem a essa tradição que envolve todos os parentes e amigos das aldeias próximas.

A reunião festiva inicia-se com música, bebida (*pajará*) e comida preparada pela família na “casa da festa”, organizada pela família da moça que recebe a primeira menstruação. Quando os convidados chegam, os mascarados adentram a festa com uma impressionante coreografia.

As máscaras são usadas para expulsar os espíritos malignos e reanimar os espíritos da puberdade, em um movimento que perpetua o ciclo natural de nascimento, crescimento, matu-

Jovem *Tükuna* depilada no ritual Moça nova. Foto: Sílvio Coelho dos Santos, Junho de 1962



## Revista História Catarina

### “Rastros do povo pescado no igarapé”

Sílvio Coelho dos Santos / Museu de Arqueologia e Etnologia Professor Oswaldo Rodrigues Cabral (MARQUE) / Secretaria de Cultura e Arte (SeCArte) / Índios Ticuna / Antropologia / -  
Teresa Fossari / Cristina Castellano / Viviane Wermelinger / Vanilde Ghizoni



Desenhos feitos por crianças Tikuna.



Menina Tikuna com seu irmão, descansando na maqueira.



Alunos da Escola do Posto Indígena Ticunas.



Mulher Tikuna e seus filhos. Fotos: Sílvio Coelho dos Santos. 1962.

ridade e morte. Acalmados os espíritos, as moças iniciadas na adolescência são libertadas do “retiro” em que eram mantidas, encerradas em “currais” ou “jiraus”.

Com os cabelos cortados ou arrancados, as “moças novas” surgem ricamente vestidas e adornadas para serem apresentadas a toda a aldeia como uma nova pessoa, conforme relata o antropólogo João Pacheco Oliveira.

De aparência monumental e impressionante, as máscaras constituem uma das manifestações mais ricas da arte Ticuna. Confeccionadas com fibra de tururi (entrecasca de espécie de *Ficus*), exibem geralmente uma face humana ou zoomorfa esculpida em “pau de balsa”, e cocar feito de cortiça de buriti, conforme explica Cristina. Ao fazer o registro do primeiro dia, o pesquisador faz suas anotações, no silêncio noturno do mosquiteiro:

*“À tarde fomos assistir a um ritual de ‘Virada’ do ‘Pajarú’ – bebida feita de mandioca, para a ‘Festa da moça nova’ – e que se inicia, ao que parece, com um toque de tamborim. Nessa oportunidade, notamos uma índia que catava os piolhos de uma índia velha e os comia. Outro fato que despertou nossa atenção foi o fabrico, na mesma casa, de uma bebida feita de banana madura”.*

A pesquisa está norteada pelo conceito de “fricção étnica”, então recém-proposto por Roberto Cardoso de Oliveira, em contraposição à noção de alienação cultural, que pressupõe submissão total da cultura oprimida à dominante. Em vez disso, Oliveira e Sílvio acreditavam que a relação entre o dominador e o dominado produzia resistência, luta, atrito, contágio e contaminação.

Sílvio Coelho dos Santos / Museu de Arqueologia e Etnologia Professor Oswaldo Rodrigues Cabral (MARQUE) / Secretaria de Cultura e Arte (SeCARTE) / índios Ticuna / Antropologia / -  
Teresa Fossari / Cristina Castellano / Viviane Wermelinger / Vanilde Ghizoni

Nas páginas amareladas pelo tempo, os registros da rotina na aldeia são avivados por narrativas mitológicas e depoimentos diretos dos índios contando situações de conflito que tornam o relato muito verdadeiro e precioso como material bruto de análise. Utilizados, mais além, por Oliveira, no livro *"O Diário e suas margens: viagem aos territórios Terêna e Tukúna"*, os originais manuscritos trazem ainda informações demográficas, desenhos e estudos genealógicos de famílias, desenhos esses que o pesquisador adorava fazer na tentativa de compreender o estranho sistema de clãs do "povo pescado".

Mais tarde, já reconhecido como um dos maiores antropólogos do Brasil, Sílvio se valeria dessa experiência para fazer um trabalho de campo semelhante com o povo Xoklengue em Santa Catarina, que deu origem às obras *"Índios e brancos no sul do Brasil - a dramática experiência dos Xokleng"* e *"Os índios Xokleng; memória visual"*. Como fruto de sua luta junto a outros antropólogos e indigenistas, finalmente nos anos 1990 os Ticuna lograram o reconhecimento oficial da maioria de suas terras. Hoje enfrentam o desafio de garantir sua sustentabilidade econômica e ambiental e manter vivas suas práticas culturais.

A paz dos Ticuna, contudo, está longe de ser alcançada. Passa pela melhoria de sua relação com a sociedade branca, historicamente marcada pela violência, como já mostram os depoimentos de índios recolhidos pelo pesquisador em seu *Diário*: *"Nem todos os civilizados são bons, alguns brigam com os tukuna, às vezes discutem com os freguês e não deixam dever."*



A moqueação do peixe. Mariuaçu.  
Foto: Sílvio Coelho dos Santos. Junho de 1962

“Aqui o antropólogo tem que ser, acima de tudo, um equilibrista, pois ora são pontes de um único toco de igara que deve ser atravessado, ora os balancetes e remanobras da embarcação na correnteza que deve ser mantida em equilíbrio.”

Desenho: Campa, Sílvio  
Coelho dos Santos

Sílvio Coelho dos Santos / Museu de Arqueologia e Etnologia Professor Oswaldo Rodrigues Cabral (MARQUE) / Secretaria de Cultura e Arte (SeCArte) / índios Ticuna / Antropologia / -  
Teresa Fossari / Cristina Castellano / Viviane Wermelinger / Vanilde Ghizoni



Um grupo de *Túkunas*, observando a partida dos pesquisadores, no Solimões.  
Foto: Sílvio Coelho dos Santos, junho de 1962

*mais de um mês" ou "O 'merino' Mafra açoitou um tukuna e ele não deixa tukuna vender para quem quer".*

Tendo sido a primeira jornalista a ter acesso a essa escrita etnográfica, perguntei a mim mesma e a todos que entrevistei: por que Sílvio Coelho dos Santos, de quem fui aluna especial no Curso de Pós-graduação em Antropologia, no qual ele era coordenador e gozava de amplo prestígio, tendo ainda sido pró-reitor de Ensino de Graduação e também de Pesquisa, presidente da Associação Brasileira de Antropologia, secretário regional da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, pesquisador sênior do CNPq, nunca se interessou em publicar seu *Diário de Campo*?

E a resposta que ouço da esposa Alair confirma minha hipótese: *"Foi o seu primeiro trabalho como antropólogo; imagino que ele não acreditava no valor que isso pudesse ter"*. Mas é justamente no idealismo ingê-



Escultura Ticuna.  
UFSC, Divulgação

nuo e no entusiasmo do pesquisador ao encontrar "o outro" da antropologia que reside o frescor e o encanto dessa etnografia.

"Ticuna em dois tempos" mostra que antes de se tornar um dos etnólogos mais importantes do Brasil e um grande defensor da causa indigenista, Sílvio Coelho fez um "estágio de indigenidade" com esse povo ameaçado pelo que chamava de "interesses capitalistas". Esse estágio impactou para sempre sua formação científica e humana. Além de antropólogo, ele foi, durante três meses, um jornalista, um fotógrafo, um habilidoso narrador, um Euclides da Cunha na Amazônia. Foi ave ou planta: Sílvio Coelho foi Ticuna! HC

*Raquel Wandelli é Jornalista da UFSC na SeCArte, doutoranda em Literatura e professora de Jornalismo na Unisul. Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa em Informática Linguística e Literatura, da UFSC.*

A Exposição "Ticuna em dois tempos" foi inaugurada em 10/05/2012 e permanecerá aberta ao público até 25/10/2012. (Ver HC 42).



Sílvio Coelho dos Santos. Reprodução UFSC.

# CLIPPING DIGITAL

## **Secretaria de Estado da Educação Reportagem**

### **Mais de 10 mil inscrições no Pré-vestibular da UFSC/SED**

Cursinho Pré-Vestibular da UFSC/ Governo do Estado de Santa Catarina / Secretaria de Estado da Educação

## **Diário Catarinense Geral**

### **Especialistas questionam uso da Ponte Hercílio Luz para carros**

Ponte Hercílio Luz / mobilidade urbana / quarta travessia / Lenise Grando Goldner / Engenharia de Tráfego / Deinfra/ BNDES

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.